



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
NÚCLEO TEMÁTICO MULHER E CIDADANIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA
ESCOLA**

GISLENNY ALVES

**A (IN) VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA DENTRO DO
MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO**

ARAPIRACA

2018

GISLENNY ALVES

**A (IN) VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA DENTRO DO
MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Núcleo Temático Mulher e Cidadania da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador (a): Prof^a Dr^a. Elvira Simões Barretto

ARAPIRACA

2018

GISLENNY ALVES

**A (IN) VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA DENTRO DO
MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Núcleo Temático Mulher e Cidadania da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.



Prof. Dra. Elvira Simões Barretto
Coordenadora Geral do Curso de Gênero e Diversidade na Escola
GDE/UFAL

Profª Drª Elvira Simões Barretto

A (IN) VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA DENTRO DO MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO

RESUMO: Neste artigo discuto como a categoria raça vem sendo tratada dentro do movimento feminista ao longo dos anos, bem como a existência de práticas que propiciaram a visibilidade e a invisibilidade da mulher negra dentro feminismo. As análises feitas neste artigo são decorrentes de levantamento bibliográfico em fontes diversas e posterior reflexão crítica sobre tais materiais, à luz do acervo teórico que fundamenta o estudo, sendo este um método exploratório de construção de conhecimento e por se atrelar perfeitamente aos objetivos do texto esta escolha foi feita. É de conhecimento geral que nem sempre o movimento feminista abraçou a causa da mulher negra, vivemos em uma sociedade muito desigual onde, infelizmente, as relações sociais seguem o mesmo modelo, assim, por muitos anos se pensou que a irmandade feminina representasse uma só necessidade para as mulheres: combate ao machismo, porém com o amadurecimento do movimento e das próprias mulheres negras, observou-se que enquanto as mulheres brancas lutam por direitos iguais, as mulheres negras lutam para serem reconhecidas como seres humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra; Movimento Feminista; Raça; Visibilidade.

ABSTRACT: In this article discuss how the race category has been treated within the feminist movement over the years, as well as the existence of practices that have provided the visibility and invisibility of black women within feminism. The analyzes made in this article are the result of a bibliographical survey in diverse sources and subsequent critical reflection on such materials, in light of the theoretical collection that bases the study, being this an exploratory method of knowledge construction and for perfectly matching the objectives of the text this choice was made. It is common knowledge that the feminist movement has not always embraced the cause of the black woman, we live in a very unequal society where, unfortunately, social relations follow the same pattern, so for many years it was thought that the female brotherhood represented a single need for women: against machismo, but with the maturing of the movement and of black women themselves, it was observed that

while white women fight for equal rights, black women struggle to be recognized as human beings.

KEY WORDS: Black woman; Feminist Movement; Race; Visibility.

Introdução

Este artigo surgiu da necessidade da autora de compreender como a categoria raça vem sendo tratada dentro do movimento feminista ao longo dos anos, entretanto não pretendo esgotar a grande quantidade existente de documentos sobre o feminismo, me atearei a alguns escritos que subjetivamente elenco como importantes para subsidiar esta discussão.

A palavra (in)visibilidade vem sendo usada com frequência em reflexões teórico-críticas para mostrar que há na sociedade múltiplas formas de exclusão, opressão e inclusão perversa, visto que o ato de estar presente em um espaço não significa exatamente ser ouvido/compreendido e representado. Muitos grupos vêm perdendo ou nunca tiveram suas demandas problematizadas e colocadas sob a perspectiva da resolutividade, pois tais atitudes são condições *sinequa non* para a superação do mito da igualdade racial, social e de gênero no Brasil.

Combater práticas machistas decorrentes do patriarcado é o principal objetivo do feminismo, assim como fortalecer e unir mulheres, favorecendo o pensamento crítico e contestando o regime binário de compreensão de gênero. Para além dos objetivos postos, o movimento feminista vem passando por diversas transformações ao longo dos anos e agregando cada vez mais lutas, se tornando um movimento transversal. Sabendo disso, este artigo tem como objetivo traçar algumas reflexões sobre como as mulheres negras vêm sendo presentes ou ausentes nas pautas e conquistas do movimento feminista brasileiro, visto que a população de mulheres negras é enorme neste país e estas, em sua maioria, ocupam os lugares mais subalternizados da sociedade, tendo que modificar características de seus corpos (cabelo, estrutura corporal etc.) que são consideradas feias e vergonhosas para serem “aceitas” pela sociedade, como também, o preterimento em diversas situações sociais, por não fazer parte do modelo branco europeu, além dos diversos pré-conceitos perpassados cotidianamente na vida em sociedade.

As análises feitas neste artigo são decorrentes de levantamento bibliográfico em fontes diversas e posterior reflexão crítica sobre tais materiais, sendo este um método qualitativo-exploratório de construção de conhecimento e por se atrelar perfeitamente aos objetivos do texto esta escolha foi feita.

É de conhecimento geral que nem sempre o movimento feminista abraçou a causa da mulher negra. A vivência em uma sociedade muito desigual regida por leis e normas que aprofundam a dominação de seres humanos por seus pares está na raiz do problema da invisibilidade e da exclusão social dos grupos considerados minoritários. A ausência de igualdade de condições também está presente no movimento feminista. Por muitos anos se pensou que a “irmandade” feminina representasse uma só necessidade para as mulheres: combate ao machismo, porém com o amadurecimento do movimento e das próprias mulheres negras, observou-se que enquanto as mulheres brancas lutam por direitos iguais, a mulher negra luta para ser reconhecida como seres humanos.

A realidade se apresenta muito mais opressora para umas mulheres que para outras. De acordo com Lígia Assumpção do Amaral (1998), quando paramos para observar as diferenças que promovem o preconceito entre os seres humanos temos três parâmetros para fazê-lo, o critério estatístico, o estrutural/funcional e o tipo ideal, nos ateremos a esse último por ser necessário a esta análise. O “tipo ideal” é um parâmetro que defende a existência um modelo ideal de ser humano e que todos o perseguimos, esse modelo é: jovem, gênero masculino, branco, heterossexual, cristão e bem sucedido, quanto mais distante desse ideal, mais os sujeitos são invalidados e sofrem preconceitos, a mulher negra encontra-se no extremo mais distante desse tipo, recaindo sob estas diversos estereótipos, preconceito e exclusão.

Perceber que dentro do grupo existem intergrupos e que estes apresentam demandas que vão além das pautas existentes é o grande desafio do movimento feminista ao ser contestado pelas mulheres negras, pois as diferenças existentes no próprio coletivo não eram vistas como problemáticas e que estas dissipariam com o alcance de seus objetivos, estes pensamentos não levavam em conta que as mulheres são muitas e forjadas em diferentes espaços e contexto, a demanda da mulher negra é evidentemente diferente da mulher branca, assim como da mulher lésbica ou rural e assim por diante. Amparo-me em Regina Trindade Lopes (2015, p.10) quando afirma que:

O debate sobre a diferença ganha centralidade nas teorias feministas, mas negligenciam outros tantos lugares do ser mulher por não contextualizá-la dentro do espaço permeado por ambivalências caracterizadas pelas diferenças de classe, étnica/racial e orientação sexual. A tônica em voga é que a luta das mulheres brancas não coadunam com as demandas das mulheres negras, das mulheres lésbicas e nem por ventura o âmbito das classes sociais. A luta pela igualdade sem reconhecer as especificidades dos sujeitos coletivos tende a regressar ao discurso da homogeneidade, seguindo a cartilha da determinação, cerceando vozes que vislumbram beber o antídoto contra todas as formas de opressão (LOPES, 2015, p.10).

A partir do momento que se percebe as correntes que prendem as mulheres, de modo geral, não são exatamente as mesmas é preciso e necessário que todas acolham as diferenças umas das outras e lutem, pois o machismo opera cotidianamente para escamotear e dirimir o movimento, assim, o racismo faz diminuir a representatividade da mulher negra dentro do movimento feminista.

Conversando sobre o movimento feminista: de seu início ao cenário atual brasileiro

O movimento feminista vem se destacando ao longo dos anos por apresentar um estreitamento significativo entre teoria e militância, ou seja, as mulheres que o iniciaram estavam engajadas nas lutas por seus direitos ao mesmo tempo em que produziam teoricamente seus conceitos e pautas, isso se deve ao fato de que o movimento foi iniciado por mulheres instruídas, de classe média alta e com possibilidade de refletir criticamente sobre a forma como as artimanhas do machismo vinham lhes negando direitos. (PINTO, 2010).

Ao longo da história da sociedade ocidental sempre houve mulheres que se posicionaram a favor da liberdade e da igualdade entre todos os seres humanos, a idade média é bem ilustrativa desta questão: milhares de mulheres foram mortas por transgredir a ordem vigente. Celi Pinto (2010) aponta que o feminismo é iniciado pela primeira onda que aconteceu nas últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, iniciando pelas inglesas, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo o mais conhecido o direito ao voto.

Após essa primeira levantada do movimento feminista não se tem acontecimentos que tenham ganhado tanta atenção até a segunda onda do

feminismo na década de 1960. Nesse momento vemos o emergir do livro “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir que marcará as mulheres e será primordial para a nova onda do feminismo com a máxima do feminismo: “não se nasce mulher, se torna mulher”.

Nesse período da década de 1960 o mundo se vê diante da quebra de diversos paradigmas e revoluções, como a criação da pílula anticoncepcional, o início do movimento hippie dentre outros acontecimentos. No âmbito da produção feminista Betty Friedan lança em 1963 o livro que seria uma espécie de “bíblia” do novo feminismo: A mística feminina. O movimento feminista ressurge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo se mostra como um movimento libertário,

No Brasil, o movimento feminista se inicia também pela luta pelo direito ao voto, lideradas por Bertha Lutz, as chamadas sufragetes brasileiras que se organizaram e fundaram a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, realizando atividades para a consolidação de um abaixo-assinado, pedindo a aprovação do projeto de lei do senador Juvenal Lamartine, que dava às mulheres direito ao voto, isso em 1927, somente em 1932 com o novo código eleitoral brasileiro, as mulheres puderam votar (PINTO, 2010).

Enquanto nos países da América do Norte e Europa, os avanços sociais, científicos e políticos propiciavam o desenvolvimento de movimentos sociais, no Brasil se instalava um regime de ditadura militar com grande repressão a todo e qualquer movimento libertário. Diante dessa situação o feminismo no Brasil foi fragmentado e algumas mulheres se uniram a setores progressistas da Igreja Católica, deixando de lado muitas bandeiras do movimento como: a liberdade sexual, direito ao divórcio e ao aborto. Em contrapartida foram amadurecidas questões de ordem política e direitos civis. Temas como o racismo, a ênfase nas diferenças de classe foram trazidos para o centro da cena feminina através dos estudos sobre mulher nas sociedades periféricas (HOLANDA, 2003).

Com a redemocratização do país anos 1980, o feminismo brasileiro adentra em um ótimo e vigoroso momento na luta pelos direitos das mulheres, as construções teóricas ganham corpo e aprofundamento, também se assiste ao aumento na quantidade de grupos e coletivos em todas as regiões do país voltando suas atenções a uma diversidade de temas – violência doméstica e institucional,

sexualidade, direito ao trabalho e na vida política, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo.

Pinto (2010) afirma que uma das mais significativas vitórias do feminismo brasileiro foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), no ano de 1984, com importante apoio de grupos – como o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), de Brasília e de pessoas preocupadas com a situação atual da mulher brasileira fizeram uma memorável campanha nacional para a inclusão dos direitos das mulheres na nova carta constitucional. Da dedicação de todos os envolvidos conseguiu-se a garantia de muitos direitos das mulheres na Constituição de 1988. Somente no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, com *status* de ministério, e foi recriado o Conselho, com características mais próximas do que ele havia sido originalmente.

Com tais avanços, o movimento se estruturou através de ONGs e outros grupos ligados às arenas de embate político e criação de políticas públicas para que assim, os direitos das mulheres fossem realmente assegurados nos agenciamentos cotidianos como descritos na Constituição Federal de 1988.

No palco do feminismo: onde fica a mulher negra, protagonista ou figurante?

Agora que fizemos um breve resgate de como se consolidou o movimento feminista no Brasil, podemos perceber que, inicialmente, a demanda da mulher negra foi escamoteada pela máxima: “todas as mulheres são iguais” e ficaram muitos anos invisibilizadas nesse espaço de luta por direitos, gerando indagações dessas mulheres que se inserem no movimento feminista por ver nele a oportunidade de superar suas realidades opressoras, mas são frustradas ao encontrarem no feminismo pautas que não as contemplam enquanto mulheres negras cooperando para a invisibilidade das mesmas.

A invisibilidade da mulher negra no feminismo é apresentada de diversas formas, uma delas é a história de luta dessas mulheres, muitas vezes, desconhecida da população negra e, principalmente, das mulheres negras, também são poucos os estudos sobre as diversas formas de organização das mulheres negras e sua participação na construção coletiva de espaços urbanos.

Essa situação dá abertura para o que Sueli Carneiro (2001) vem chamar de dupla militância da mulher negra, pois estas percebem que somente o fim do machismo e do patriarcado não lhes tira das amarras do racismo, sendo necessário assim fazer esforços cada vez maiores para assegurar ganhos igualitários para todas as mulheres em todas as situações e contextos sociais.

O movimento feminista é um organismo vivo e, portanto, vai se pensando e se (re) fazendo cotidianamente passa a observar as diferenças existentes entre as mulheres e assim, uma ala do feminismo passa a criticar a universalização da categoria “mulher” como única balizadora de lutas do movimento, fazendo o apagamento da multifatorialidade que condiciona as desigualdades sociais. Kia Lili Caldwell (2000) citada por Valdenice José Raimundo, Vitória Gehlen e Daniely Almeida (2006, p.4) exemplificam esta questão:

Lélia Gonzalez em entrevista disse que as feministas brancas com orientação progressista e, aparentemente, de esquerda negaram o significado da raça e seu impacto nas vidas de mulheres negras, além de que as brancas eram hesitantes em relação à discussão sobre raça por causa da sua própria cumplicidade com a dominação racial. Enquanto na superfície parecia que as mulheres brancas e negras poderiam se unir e lutar contra sua opressão comum enquanto mulheres, diferenças entre elas, em termos de experiências e lugares, tornaram-se fontes de conflito e divisão dentro do movimento (RAIMUNDO, GEHLEN e ALMEIDA, 2006, p.4).

A mulher negra ao tentar trazer sua luta para pauta dentro do feminismo é interpretada como geradora de conflitos e mal estar por algumas feministas que não tem aprofundamento em questões de classe e de raça, fazendo com que muitas mulheres negras sejam silenciadas dentro do próprio movimento. Esse fato favoreceu e motivou muitas mulheres negras para a ação política organizativa específica, visto que estas não encontravam subsídios de luta no feminismo e nem no movimento negro.

Tem-se como marco dessa organização do movimento de mulheres negras feministas o Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN), na cidade de Valença – RJ, no ano de 1988, onde 450 mulheres negras de todo o país se encontraram para dialogar e compartilhar e construir uma sociedade mais igualitária e com

respeito a todos os seres, iniciando isso pelo reconhecimento da dupla discriminação (raça e gênero) vivido pela mulher negra na sociedade. Ao lançar olhares críticos sobre a situação da mulher negra na sociedade brasileira e dentro do feminismo foi possível dar um pouco de visibilidade às suas demandas, pensando para além das mulheres negras instruídas academicamente as conquistas precisavam abarcar a todas, especialmente:

[...] mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família, aquela que desempenha o papel mais importante. Exatamente porque, com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite a suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel – apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder (GONZALEZ, 1982, p. 104).

O movimento de mulheres feministas negras tem como objetivo fortalecer uma militância feminista negra sólida e conceitualmente estruturada, bem como busca acolher as demandas, os sofrimentos e a invisibilidade que estas vêm passando, dando voz e vez a esta população historicamente excluída.

A busca por uma sociedade igualitária e justa deve abarcar a construção de caminhos não percorridos, que levam a criação diária de empatia, solidariedade e humanidade, através da desconstrução de preconceitos e conceitos conservadores que mantêm uma lógica binária de compreensão do mundo, dividindo sujeitos e envenenando relações.

Considerações finais

O movimento feminista vem passando por um constante processo de amadurecimento, pois em seu princípio não pôde abarcar as demandas de todas as mulheres em todos os aspectos, ou seja, o Movimento Feminista tinha sua face racista, preterindo as discussões de recorte racial e privilegiando as pautas que contemplavam somente as mulheres brancas.

Tais acontecimentos se dão pelo fato de que a apresentação/visibilidade da mulher negra no movimento feminista era escasso e tímido, enquanto a mulher branca luta pelos direitos civis igualitários, a mulher negra está lutando para ser reconhecida como ser humano, pois os ranços da escravidão e dos preconceitos

que as rodeiam são bastante fortes e fazem com que os esforços diários para a quebra dessa barreira fosse impedido de todas as formas.

Com a organização das mulheres negras e a criação de um movimento feminista que as representassem gerou muitas controvérsias e mal estares dentro do próprio movimento feminista, que somente tempos depois vem reconhecer muitas de suas posturas racistas e classista. Este movimento recém-nascido que tem em Sueli Carneiro, Lélia Gonzáles e Thereza Santos alguns dos nomes importantes para a construção de conhecimento e de ativismo, visto que estas autoras passam a estudar a realidade opressora vivido pela mulher negra no país.

Este artigo teve como tarefa analisar os processos pelos quais mulheres negras foram (in) visibilizadas dentro do movimento feminista e durante nossa construção pudemos observar que este fenômeno acontece por uma somatória de fatores, tais como: 1) a longa história de escravidão no país, que gerou o racismo em todas as instâncias, 2) o machismo e o patriarcado, formas primárias de dominação e exercício de poder pelos homens sobre as mulheres, 3) desigualdades sociais e territoriais, 4) a não discussão de práticas discriminatórias que são origem ao racismo institucional.

De acordo com o que venho discutindo neste artigo, as mulheres negras construíram sua visibilidade dentro do movimento feminista e nem sempre tiveram o apoio da mulher branca, muitos dos motivos citados acima fazem parte de tal posicionamento. O levantar da mulher negra dentro do feminismo trouxe bastantes respostas positivas para a própria sociedade que passou a ter outras possibilidades de enxergar estas mulheres e seus potenciais.

Atingir o ideal de uma sociedade justa e igualitária não deve ser visto como algo impossível, mas sim como um exercício diário de resistência, empatia, igualdade e liberdade. Os seres humanos têm a capacidade de refletir sobre seus atos e assim modificar seu ambiente, tal exercício deve ser estimulado e tornado uma constante na vida das pessoas, pois as práticas discriminatórias e desumanas somente serão findadas com o exercício acima proposto.

Referências

- AMARAL, Lígia Assumpção do. Sobre crocodilos e avestruzes. In: **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. Org. Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1998, p. 11 a 29.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: **Estudos de gênero face aos dilemas da sociedade brasileira**. São Paulo: 2001.
- GONZALES, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org). **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.
- HOLANDA, Heloisa Buarque de. O estranho horizonte da crítica feminina no Brasil. In: **Vozes femininas, gênero, mediações e práticas de escrita**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2003.
- LOPES, Regina Trindade. Unidade2: Pensamento feminista na perspectiva histórico-crítica, sua relação com os movimentos sociais e com as mudanças na organização social. In: JUNQUEIRA, Telma Low Silva; LIMA, Nadia Regina Loureiro de Barros; LOPES, Regina Trindade. (Orgs.). **Módulo 2: Gênero**. Livro conteúdo. Universidade Federal de Alagoas – Especialização em gênero e diversidade na escola, Maceió: CIED/EDUFAL, p.1-22, 2015.
- PINTO, Celi Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- RAIMUNDO, Valdenice José; GEHLEN, Vitória, ALMEIDA, Daniely. Mulher negra: inserção nos movimentos sociais feministas e negro. **Cadernos de Estudos Sociais (FUNDAJ)**, v. 1, p. 1-8, 2006.